**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante cerimônia de recebimento do título de Cidadão Honorário de Fortaleza**

**Fortaleza-CE, 30 de novembro de 2009**

Lá em Minas, os antigos falam assim: o cearense é o mais mineiro de todos os brasileiros. Eu sou nascido em Minas, mas quando voltar para lá, eu vou dizer para eles: Vocês, cuidado comigo, eu agora sou cearense, e sou cearense da capital, modéstia à parte.

Então, minha primeira palavra é de agradecimento ao vereador Gelson e a todos os vereadores que, unanimemente, me concedem esta grande honraria, da qual não me esquecerei jamais. Todas as autoridades aqui presentes já foram nominadas, mas é natural que eu tenha também uma nominata, e se houver alguma omissão eu, já de antemão, peço que me perdoem.

Excelentíssimo senhor Cid Ferreira Gomes, ilustre governador do estado do Ceará,

Excelentíssimo senhor deputado estadual Domingos Gomes de Aguiar Filho, presidente da Assembleia Legislativa do estado do Ceará,

Excelentíssimo senhor desembargador Ernani Barreira Porto, ilustre presidente do Tribunal de Justiça do estado do Ceará,

Excelentíssimo senhor José Pimentel, ministro de Estado da Previdência Social,

Excelentíssimos senhores senadores Inácio Arruda, Patrícia Saboya, aqui presentes,

Excelentíssimos senhores deputados federais Ciro Gomes, Eunício Oliveira, Flávio Bezerra, Gorete Pereira, Flávio (incompreensível) e José Guimarães. Eu agradeço muito a presença de todos vocês aqui.

Excelentíssimo senhor Lúcio Alcântara, que foi meu colega no Senado, ex-governador, meu grande amigo aqui presente. Muito obrigado, Lúcio.

Excelentíssimo senhor vereador Salmito Filho, presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, em nome de quem todos os dirigentes e servidores desta Casa Legislativa quero saudar,

Excelentíssimo senhor secretário de estado e do município de Fortaleza,

Excelentíssima senhora Luizianne Lins, prefeita de Fortaleza, em nome de quem saúdo todas as autoridades municipais presentes,

Excelentíssimo senhor Roberto Pessoa, prefeito de Maracanaú, em nome de quem saúdo todos os prefeitos municipais presentes,

Excelentíssimo senhor vereador Gelson Ferraz. O Gelson Ferraz é especial. Primeiro, que ele é do PRB, número dez. PRB *is the best part in the world*. Eu falo em inglês porque tinha que falar, porque é forte demais esse partido. Você viu o que ele falou aqui: “O partido que mais cresce no Brasil”. Então, vejam bem, a gente fala isso com amor, porque a gente trabalha com dedicação e com amor – amor à causa. Então, é muito bom. É verdade que há uma suspeição, porque o título recaiu em um companheiro, não é, dele. Mas essa suspeição é santa. Muito obrigado, Gelson, pela honra que você me concedeu.

Quero cumprimentar todos os 41 vereadores: Acrísio Sena, Adail Junior, Adelmo Martins, Alípio Rodrigues, Antônio Henrique, Carlinhos Sidou, Carlos Mesquita, pastor Carlos Dutra, Casimiro Neto, doutor Ciro Albuquerque, Didi [Francisco] Mangueira, Eliana Gomes, Eliane Novais, Elpídio Nogueira, Francisco Alves, Glauber Lacerda, Guilherme Sampaio, Iraguassu Teixeira, Irmão Léo, Joaquim Rocha, Jorge Vieira, José do Carmo, José Freire, João Alfredo, Leonelzinho Alencar, Luciram Girão, Machadinho Neto, Magaly Marques, Mairton Félix, Marcelo Mendes, Marcus Teixeira, Paulo Facó, Paulo Gomes, Plácido Filho, Roberto Mesquita, Ronivaldo Maia, Valdeck Vasconcelos, Vitor Valim, Walter Cavalcante.

Quero cumprimentar todas as autoridades federais, judiciais, militares, eclesiásticas aqui presentes,

As demais autoridades que não foram citadas, aqui presentes, e que me honram muito com o prestígio da sua presença,

Os representantes da imprensa,

Senhoras e senhores,

Houve aqui, durante o discurso do Gelson, algumas “historiazinhas” a respeito da minha vida, e houve também o currículo que aqui foi lido. Então, essas coisas são assim mesmo. Mas houve uma dúvida aqui, que eu gostaria de colocar porque eu agora sou cidadão do Ceará, então eu tenho que deixar as coisas claras aqui. Porque alguém disse o seguinte: que eu trabalhei no primeiro emprego, onde ganhava 600 reais. Não eram 600, eram 300. Quer dizer, aumentaram o meu ordenado, porque eram 300. Tanto que eu me lembro e vou contar para vocês. Eu, quando arranjei esse emprego, eu tinha 14 anos, e saí de casa me despedindo da mamãe e do papai para ir para a cidade – com 14 anos – não para estudar, para trabalhar. Quando eu me despedia da mamãe – “a bênção, mamãe”, “a bênção, papai” –, o papai me puxou e disse assim: “meu filho” – me sacudiu – “meu filho, não se esqueça: o importante, na vida, é poder voltar”. Eu era muito bobo, pensei que papai já quisesse que eu voltasse para casa – eu nem saí ainda – e não era nada disso. Ele estava me dando uma grande mensagem, um grande ensinamento: poder voltar. Voltar a uma pessoa, voltar a uma casa, voltar a uma família, voltar a uma cidade, voltar a um estado, voltar a uma situação anterior. Poder voltar, isso é uma coisa muito importante. Nisso, saí e fui trabalhar nessa casa comercial de Muriaé. Era uma casa da praça João Pinheiro, que é a principal praça da cidade, uma casa de tecidos.

Pois bem. A gente fala casa de tecidos, e os jovens hoje não entendem porque as pessoas hoje compram roupa feita. Naquele tempo, não. Toda dona

de casa tinha uma máquina de costura em casa, então comprava era pano mesmo, para levar para casa e fazer. Era assim. Então, a casa era de tecidos, vendia tecidos. E eu pensei que fosse... o patrão fosse me levar para morar com ele, eu era um menino de 14 anos. Mas ele perguntou: “Você tem onde ficar?” Eu disse assim: “Não”. Ele disse assim: “Tem um hotel aqui perto, o Hotel da Estação, lá a dona do Hotel, uma senhora matriarca, dona Maria Cantamissa” – era, de fato, uma mulher muito boa – “e você vai lá porque você é muito jovem. Você não pode ficar em lugar perigoso”. Então, eu fui. Cheguei e cumprimentei dona Maria. Minha fortuna estava em uma malinha de madeira: eram três mudas de roupa. E cheguei: Dona Maria, eu vou trabalhar ali na Sedutora com o senhor Geraldo Magela, o senhor Jair de Souza – falei grosso, não é? – e eu queria morar aqui no hotel da senhora. Queria saber quanto a senhora me cobra um quarto, café da manhã, almoço e jantar. Ela olhou para mim e disse assim: “Meu filho, quanto é que você vai ganhar?”. Falei grosso, falei assim: O senhor Geraldo me disse que eu vou ganhar 300 cruzeiros. Ela riu e disse assim: “Olha, meu filho, você, com esse dinheiro, você não pode morar no meu hotel. Para começar, eu não gosto de mensalista. Eu gosto... O meu hotel é para os viajantes, são os diaristas. Eu só tenho um mensalista, mas é porque ele é contador do Banco Mineiro da Produção, o senhor Milton. Ele tem um quarto, café da manhã, almoço e jantar, me paga 420 por mês. Você vai ganhar 300, então não tem como. Você tem que arranjar um outro lugar para ficar”.

Então, nós estávamos conversando na janela, perto da janela, em frente à estação da estrada de ferro Leopoldina Railway. Então, lá na estação tinha bancos, os bancos da estação da estrada de ferro, na plataforma da estação. Então, ela disse assim: “Você não pode ficar aqui, meu filho, não tem como. Você vai ganhar muito pouco”. Eu disse assim: Dona Maria, e café da manhã, almoço e jantar? Quanto a senhora pode me cobrar? Ela disse assim: “E onde é que você vai dormir?” Eu tinha, de fato, pensado que o meu patrão poderia

me ceder, para colocar uma cama... lá no fundo da casa tinha um cômodo que guardava caixa vazia, capa de fardo, papel velho, aquela coisa, então eu ponho uma cama ali, durmo ali. Mas não falei com ela. Eu só perguntei quanto ela iria me cobrar café da manhã, almoço e jantar. Ela disse assim: “E onde é que você vai morar?” Então eu, brincando, mostrei a estação da estrada de ferro, e falei assim: Eu posso dormir ali no banco da estação. A senhora me deixa guardar a malinha aqui. Ela riu, pegou a minha mão, assim, entrou no corredor do hotel, depois uma curva de 90 graus, assim, ela disse assim: “Este canto aqui, eu tenho um catre velho” – catre todos sabem, é cama, não é? – “que eu mando armar aqui para você. Você concorda em dormir aqui no corredor?” Eu falei: Concordo, mas nesse caso, quanto a senhora vai me cobrar? Ela, então, pensou e falou assim: “Eu vou te cobrar 280”. Começou a melhorar, 280. Eu falei: Dona Maria, tudo bem, mas eu vou morar no corredor. A senhora pode me fazer um preço melhor. Ela riu muito e disse assim: “Eu vou te cobrar 250. Aí, vão te sobrar 50”. Eu falei assim: É. Mas 250, morando no corredor, ainda é caro! A senhora me cobra 200. No fim, ela disse que fazia por 220. Eu disse assim: Então está bem, mas com roupa lavada. Porque ela tinha a lavanderia lá, do hotel... com roupa lavada.

Bom, acertamos e arranjei meu primeiro emprego e me viabilizei, porque ia me sobrar 80 cruzeiros, 80 mil réis que a gente ainda falava, mas eram 80 cruzeiros já, porque o cruzeiro veio em [19]42, e isso já era em [19]48, [19]46, [19]45 (incompreensível). Pois bem, mas a gente ainda falava “mil réis”. Pois bem, fui trabalhar e morei um ano e meio nesse corredor, e não me tirou pedaço.

Havia um grande comerciante em outra cidade de Minas, chamada Caratinga, que era o senhor João Bonfim, que se hospedava lá no Hotel da Estação. E eles falavam bem de mim, mas eu morava no corredor. Ele, então, me convidou para trabalhar com ele. Ele também trabalhava com tecidos, em Caratinga. Ele me convidou para trabalhar com ele e disse assim: “Eu não

quero saber quanto você ganha, eu te pago o dobro" – aí vem os 600 – "pago o dobro, e você não vai morar no corredor, não". Eu não posso. Eu era menor. Eu falei com o papai. Fui lá, no fim de semana, falei com o papai. O papai permitiu que eu fosse, então. Escrevi para ele, combinamos e fui para Caratinga.

Saí de Muriaé com 2 cruzeiros e 30 centavos no bolso, e o ônibus quebrou, todo mundo parou na estrada num lugar chamado Areal, tinha um restaurante, um bar, o pessoal foi jantar, e eu fiquei quieto dentro do ônibus. O meu dinheiro não dava para nada. Mas, quando o pessoal sumiu lá para dentro, foi jantar ou coisa que o valha, eu saí e comprei um pão, e voltei para o ônibus. Estava muito frio, fechei as janelas todas do ônibus, voltei para o ônibus e o ônibus não saía, estava quebrado. Voltei para o ônibus, sentei e comi o pão dentro do ônibus.

E nisso, parou um caminhão na porta, em frente ao ônibus, e eu vi a placa, era de Caratinga. Então, pedi ao cidadão que me levasse. Ele disse assim: "Eu concordo, mas mala eu não levo". Eu disse: Não, a mala fica aí - eu tinha o ticket da mala – não tem problema. É que eu tenho compromisso com o João Bonfim para me apresentar amanhã de manhã (incompreensível). Ele conhecia o João Bonfim. E eu fui com esse senhor para Caratinga. Caratinga, nesse tempo, não tinha luz, estava tudo escuro. Tinha havido uma chuva que rompeu a barragem lá e acabou a luz, aquela cidade toda escura. Eu vivi ali muito bem, e assim foi minha vida.

Depois, de fato – e foi contado aqui –, já em 1950, eu tinha 18 anos... porque eu sou de [19]31, mas sou de outubro. No início do ano era 18 mesmo. E um irmão mais velho do que eu, o dobro da minha idade, era o mais velho de todos – nós éramos 15, eu sou o décimo primeiro de uma família de 15 –, então ele me emprestou 15 contos – eram contos de réis naquele tempo, é igual a 15 mil cruzeiros –, que era o que ele tinha – ele era viajante –, porque eu queria me estabelecer. Eu tinha muito crédito, porque os representantes

comerciais que vendiam para o João Bonfim, todos me conheciam porque eu ajudava nas compras, então eu era conhecido. Eu era conhecido como o melhor vendedor da casa, de modo que aquilo me facilitou um pouco. Eu tinha uma casinha que já tinha prateleiras, tinha tudo – o rapaz era até meu amigo, da dona Anita, a dona Anita era a mãe dele. Dona Anita (incompreensível), não posso me esquecer –, abri lá a lojinha.

E como eu dependia de um grande representante comercial, que era o senhor Lopes, um português, e ele gostava de fazer as coisas ao modo dele, então, ele disse assim: "A sua casa tem que se denominar 'A Queimadeira'". Eu não gostei desse nome. Eu [disse]: Mas o que é isso, senhor Lopes? Ele disse assim: "A Queimadeira, porque se fosse um bar, seria 'Bar Cristal', mas não é bar. É uma casa comercial de tecidos que vai vender muito barato, vai queimar, então é 'A Queimadeira'". E assim foi. "A Queimadeira" foi o meu primeiro estabelecimento, montei a lojinha.

Quando eu fiz a lojinha, eu já ganhava 1.200 por mês na Casa Bonfim. Mas, quando passei para a minha loja, arranjei uma cama atrás da prateleira, para não pagar mais hotel, e estabeleci uma retirada *pro labore* de 600, a metade do que eu ganhava na Casa Bonfim. E comia de marmita, de uma pensão ao lado, e pagava 300 por mês a marmita: almoço e jantar. Tomava café em frente, tinha a padaria do seu Esquitino, seu Domingos Esquitino, e tomava café lá de manhã.

Tudo bem, minha vida estava sob controle e econômica. Não havia nenhuma outra casa comercial que tivesse custo tão baixo quanto o meu. E eu transferia, porque eu gostava realmente de vender barato. Não é porque a casa se chamasse "A Queimadeira", não, eu gostava de vender barato para o pessoal... ganhar fama. O pessoal falava: "O Zé Alencar vai quebrar". E quanto mais eles falavam, mais crescia a minha freguesia. E assim foi a minha vida durante o início: foi toda de trabalho, de luta, de dedicação. Eu acredito muito

na força do trabalho. Aliás, nada resiste à força do trabalho, da dedicação, do amor à causa. E as coisas deram certo.

Estudei alguma coisa, mais como autodidata, e com alguns professores particulares que me davam aula aos domingos, porque nem no sábado eu tinha folga. No domingo eu estudava Matemática, Português, no domingo, com um professor só. Ele me ensinava Matemática e Português. De vez em quando eu achava que ele era muito bom de Matemática. Em outras ocasiões, eu falava: De Matemática ele não entende nada, porque alguém me ensinava alguma coisa avançada e eu, então, perguntava e ele não sabia. Mas, em todo caso, foi um grande companheiro e me ajudou muito. Me indicou vários livros que eu deveria ler e me ajudou. A gente, todo domingo, a gente se encontrava, e ele me ajudava.

Então, a minha vida foi uma vida mais ou menos assim. Eu tenho que contar isso para vocês, porque eu estou chegando a Fortaleza como cidadão de Fortaleza. E esta grande honra que vocês me concedem me traz, naturalmente, também uma responsabilidade muito grande, mesmo porque ser um cidadão de Fortaleza, para mim, é um motivo de uma honra muito especial.

Vocês sabem que eu milito na área de Sudene há muitos anos, desde 1967. E, por circunstâncias, temos negócios no Rio Grande do Norte, temos na Paraíba, temos fábricas na Paraíba, e não temos no estado do Ceará. Então, eu vou ter que dar um jeito de fazer os meus filhos... Vou fazer meus filhos realizarem alguma coisa aqui, não é? Porque é preciso.

É verdade que nosso ramo passa por uma fase muito dura, que é o ramo têxtil, viu, doutor Salmito? O ramo têxtil está passando por uma fase muito difícil porque há uma competição desigual, muito desigual hoje, por razões óbvias: cada país, obviamente, tem a sua economia própria. Hoje, com o avanço da tecnologia, as distâncias se encurtaram e a economia se globalizou para valer. Com isso, o pressuposto básico deveria ser a mesma moeda. Do contrário, o tratamento já começa a ser diferenciado a partir do

momento em que cada país tem sua política ligada a câmbio diferenciada, e isso traz uma diferença brutal, e repercute muito...

Nós, por exemplo, não somos contra o câmbio flutuante, porque qualquer câmbio que você fixa é subjetivo. Alguém diz assim: “O câmbio ideal para o Brasil seria R$ 2,60”, há poucos dias saiu. Então, disseram: “Tudo bem, mas R$ 2,60? De repente, isso aí já não é mais...” ou coisa que o valha. Então, não é isso que nós desejamos. Vejam, a União Europeia só se consolidou a partir do momento em que unificou a moeda porque, do contrário, não tinha como.

Você não pode trabalhar em um mercado recebendo pela sua mercadoria uma outra moeda que não seja a sua. Então, dizem assim: “Nossa moeda é o real, nós vamos receber real”. Só que eu vou exportar e o preço está marcado em dólar. Eu vou receber menos reais ou mais reais por cada dólar, em relação a um outro país que adota uma política cambial que favoreça a sua exportação, como é o caso, por exemplo, de alguns países, especialmente da Ásia e, notadamente, a China.

O Brasil é um país que possui condições competitivas ideais para o setor têxtil, não só porque a mão de obra brasileira é de muito boa qualidade... o Brasil possui escolas técnicas de alta qualidade, que é a escola do Senai-Cetiqt, no Rio de Janeiro, que é um colosso. Uma outra que tem também, no Recife, e tem outras escolas, como em São Paulo, que são excelentes. Então, nós temos um corpo técnico muito bom. A mão de obra brasileira é versátil, porque a própria miscigenação da nossa raça nos confere essa versatilidade extraordinária. O brasileiro tem uma facilidade grande de adaptar-se, de aprender a fazer as coisas e produzir com economia.

Então, nós temos condições de competir, sim. Agora, nós não podemos é competir da seguinte forma. Alguém escreveu, há poucos dias, um especialista, disse que o câmbio aqui tinha que ser 2,60 para se equiparar, por exemplo, ao câmbio utilizado pela China. Tudo bem, eu não posso pugnar por

isso, porque contrariaria o meu modo de ser, jamais iria pugnar por isso. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: nós, quando vendemos alguma coisa, recebemos por aquela coisa 1,75, enquanto a China recebe 2,60. Então, é óbvio que não tem como competir dessa maneira. Daí a razão pela qual as empresas se voltam mais para o mercado interno, ainda que pudessem estar fazendo crescer o mercado externo, para a colocação de seus produtos e gerando oportunidade de trabalho aqui no nosso país, que é o que nós desejamos.

É que muita gente encara ainda as coisas de modo diferente. A empresa, por exemplo, seja ela qual for, é um bem da comunidade. Alguém pode dizer: “Não, a minha empresa é só minha. Eu não tenho sócio. Ela é de minha propriedade”. Perfeitamente, só que mesmo assim, ela é um bem da comunidade. Por quê? Porque a empresa, qualquer que seja ela – gigantesca, grande, média, pequena, minúscula –, seja qual for – estatal, privada –, a empresa é uma fração da economia. A economia de qualquer país é representada pelo setor primário, secundário, terciário e infraestrutura, e são empresas que representam esses quatro segmentos. Empresas do setor primário, empresas do setor secundário, do setor terciário e da infraestrutura, mas são empresas.

Nós precisamos de uma economia próspera, forte, independente. Para quê? Para que se alcancem os objetivos sociais. Então, é preciso que nós sempre nos lembremos: para que a economia seja próspera, forte e independente, é preciso que suas frações o sejam. Então, nós temos que aprender a aplaudir a prosperidade empresarial porque estaremos aplaudindo a prosperidade e o engrandecimento de uma fração da economia do País. É assim que nós vamos chegar a um bom resultado. Daí a razão pela qual nós temos que lutar muito para que as empresas brasileiras, ou a economia nacional, recebam tratamento igualitário. Nós não precisamos de tratamento favorecido, não, nós queremos tratamento igualitário. E o tratamento igualitário,

tendo em vista a globalização da economia, significa a adoção de uma moeda única, não ligada a uma outra moeda, de outro país, que vai adotar também a política cambial que melhor lhe interesse.

Então, essa moeda nova terá que ser criada num novo acordo internacional, do qual participem as melhores inteligências de cada país, para criar uma moeda embasada numa cesta de *commodities*, seja qual for essa cesta, mas alguma coisa que seja uma moeda para os negócios internacionais, uma mesma moeda, uma única moeda. E, assim, podem estar certos de que o Brasil teria condições excepcionais de se desenvolver ainda mais do que tem se desenvolvido.

Na hora em que estávamos aí, ouvindo, anotei algumas coisas. Aqui falou-se também da minha saúde, acho que foi o próprio Gelson quem falou. Eu digo para vocês que eu estou indo bem. Porque os jornais falam que eu já fui operado 15 vezes, é verdade. Minha primeira operação de câncer foi em 23 de dezembro de 1997, portanto, agora, vai fazer 12 anos, e o câncer foi erradicado. Eu perdi o rim direito, eu não tenho o rim direito desde [19]97. Portanto, há 12 anos eu perdi o rim direito. Mas, no mesmo dia, eu fui operado também do estômago e perdi ¾ do estômago. Eu voltei a engordar e comer bem porque eu sou teimoso mesmo, porque aquilo foi um negócio da pesada, dia 23 de dezembro de [19]97.

Mas, em [19]98, eu fui candidato a senador e ganhei uma eleição impossível de ser vencida em Minas, porque havia como candidatos ao Senado – e era uma vaga só –, havia como candidato ao Senado o governador Hélio Garcia, o senador Murilo Badaró, a senadora Júnia Marise, e havia outros, mas esses três eram os fortes candidatos. A primeira pesquisa que me entregaram, o Hélio Garcia tinha 45%; a Júnia Marise, 23[%]; e o Murilo Badaró, acho que 12 ou 13[%]. E havia outros, como no meu caso, 2[%]. Eu guardei essa pesquisa tão bem guardada... Quando eu volto a Minas, eu procuro no meu gabinete lá em Minas, para todo lado. Botei isso dentro de algum livro, abro os

livros todos, não tem, não acho o “diabo” da pesquisa, que eu guardei tão bem guardada para que ninguém visse, e eu mesmo não sei onde guardei.

Pois bem. Mas comecei a trabalhar, e “bater”, e trabalhar, e fui crescendo, e crescendo, e crescendo... e ganhei a eleição. E quando comecei na minha candidatura, eu estava magro e branco, e muito, porque eu tinha acabado de passar por uma operação brutal. Então, aquilo me ajudou na eleição, porque veio também a solidariedade no câncer, não é? Então, me ajudou na eleição e eu ganhei a eleição.

Pois bem. Isso, a partir daí, a minha vida passou a ser muito voltada para a política, vida pública. E eu não me arrependo. Porque antes a gente se reunia – empresários, vários – toda sexta-feira, íamos tomar uma cerveja lá no alemão do Alpino, comer uma coisa que vinha... ele trazia da Alemanha, um torresminho também, e consertar o Brasil, a gente ia para conversar sobre o Brasil: “Porque isso não pode, aquilo não pode, aquilo outro não pode”... Aí você vai para a política. Chega lá, você tenta fazer o mesmo, só que nem todos estão a fim de consertar o Brasil coisa nenhuma. Então, você fica meio perdido, mas eu tenho lutado desde então.

Eu comecei em janeiro de [19]99, como senador. Portanto, já há dez anos, onze anos, mais um ano são doze, porque eu abri mão de quatro anos do Senado, para assumir a Vice-Presidência, tanto que eu já falei com o Lula. Eu disse: “Ô, Lula, você tem que me dar apoio em Minas porque eu quero voltar para o Senado. Eu perdi quatro anos por sua causa”.

Mas, Ciro, eu não levo o meu nome como candidato a um palanque se eu não estiver curado, porque não seria honesto. Se Deus me curar... Porque morrer, nós todos vamos morrer, nós não sabemos o dia. Mas, se Deus me curar... e parece que Deus está querendo me curar, porque as coisas estão indo bem, as coisas estão indo bem. Então, se Deus me curar e eu estiver em condições de merecer o apoio do meu partido, que tem que me dar a legenda, e dos companheiros, eu enfrento uma eleição. Enfrento, por quê? Para

continuar tentando fazer alguma coisa pelo meu país. E eu digo para vocês que, modéstia às “favas”, eu tenho feito alguma coisa pelo meu país. Então, eu... mas, vamos ver como vai ser o problema de saúde. Posso dizer para vocês que, nos últimos exames de imagem que foram feitos, um tal de PET Scan, ressonância magnética, tomografias e outros... Pois bem, isso foi no dia 21 de outubro, e eles repetiram no dia 22 porque ficaram surpresos com o resultado, porque viram redução no tamanho dos tumores, coisa que não era esperada, porque havia, exceto da minha parte porque eu nunca desanimei, mas havia um certo ceticismo médico. Mas houve essa redução. E eu aprendi a apalpar, assim, o local e achava. Agora eu apalpo, apalpo e não acho. Eu não falo.

Agora, por exemplo, estive em São Paulo, na semana passada, que eu estou fazendo quimioterapia, e as enfermeiras são muito amigas porque eu sou freguês antigo no Sírio-Libanês, então elas começaram a ficar tão entusiasmadas... Eu disse assim: Ó, vocês, por favor, não espalhem que eu estou melhorando, não, porque o pessoal para de torcer por mim no Brasil. Então, as coisas estão indo relativamente bem.

Isso, sobre saúde, é o que eu poderia contar para vocês. Eu tenho procurado ser o máximo possível transparente porque o homem público não se pertence. Ninguém tem nada a ver com um câncer a que o José Alencar está submetido, mas tem a ver com um câncer que submete o vice-presidente da República. Isso aí tem a ver, sim. E por isso eu sou transparente, eu falo, nunca escondi nada do que tem se passado comigo, em todas as operações desta minha vida, e são 15 operações. Não aparenta. Vocês olham para mim e não aparenta. Estou jogando futebol, marco meus gols. Agora, fico triste porque os meus amigos vão ao campo e aplaudem. Mas eu não aguento mais comemorar os gols. Por exemplo, subir no alambrado, isso não estou fazendo mais.

Então, meus amigos, eu estou hoje... me permitam, eu trouxe um

discurso escrito e acabei não lendo, acabei não lendo. Por quê? Eu pensei que deveria falar de coração para os meus conterrâneos de Fortaleza e para os meus coestaduanos do Ceará. Isso me orgulha muito. Nós não nos esqueceremos desta homenagem. Isso, para mim, é razão de reflexão muito grande, porque eu tenho que fazer alguma coisa pelo Ceará, por Fortaleza, que me permita amenizar um pouco a minha dívida, porque saio daqui com, realmente, uma dívida muito importante, muito cara para o meu coração. Mas não cara suficientemente que me desanime de dedicar-me a ela, para pagar pelo menos 1% dela. Toda a dívida eu não tenho como pagar, mas pelo menos 1% dela, com o meu esforço, com a minha dedicação, com o meu comportamento na vida pública...

Todas as vezes que eu estiver realizando alguma coisa, do meu gabinete, eu vou me lembrar. Eu, agora, tenho uma responsabilidade maior, porque além de mineiro, eu sou também cearense, de Fortaleza.

($22A)